

Não vai acontecer aqui? Utopia e distopia na Era Trump

Will not happen here? Utopia and Dystopia in the Trump Era

¿No va a suceder aquí? Utopía y distopía en la Era Trump

Alice de Araújo N. Pereira

Graduada em Letras: inglês/literaturas pela UERJ, mestre em Literaturas de Língua Inglesa também pela UERJ, é doutoranda em Literatura Comparada pela UFF e professora de inglês no Instituto Federal Fluminense (IFF).

Resumo: Em 2016 a disputa entre a democrata Hillary Clinton e o republicano Donald Trump gerou debates acirrados, acusações mútuas e inquietação popular, em um momento que as consequências da crise econômica de 2008, as guerras travadas pelos EUA no exterior e as tensões étnico-raciais internas acirraram as discussões políticas dentro da sociedade americana. Trump venceu e se tornou o 45º presidente dos Estados Unidos. Com uma personalidade carismática, falas simplistas e discurso nacionalista tornaram o ex-apresentador de um *reality show* o líder do maior potência hegemônica atual. Os posicionamentos e propostas de Trump reavivaram temores de que os EUA poderiam estar caminhando para um regime autoritário, intolerante e reacionário. Embora Trump tenha se colocado como candidato que tornaria a América Grande novamente, remetendo-se a um passado

impreciso e com uma retórica permeada por um impulso utópico, tal pensamento parece mais excludente que inclusivo. Parece patente um tom de controle, violência e supressão da diversidade. Esse desenrolar dos acontecimentos soou similar a trama do popular romance distópico *Não vai acontecer aqui*, de Sinclair Lewis, publicado em 1935, durante o período da Grande Depressão. Na obra, o magnético e demagogo Berzelius “Buzz” Windrip ganha a eleição contra Franklin Roosevelt. Ao assumir a presidência, dá início a um governo totalitário e gradualmente percebemos a extensão da truculência e crueldade do novo regime. Almejamos nesse artigo discutir o pensamento utópico presente na retórica de Donald Trump e aos medos distópicos que sucederam sua eleição, utilizando os preceitos teóricos de M. Keith Booker, Tom Moylan e Gregory Claeys. A distopia e a utopia não são somente gêneros literários, mas também pensamento filosófico, por essa razão esses conceitos são fundamentais nessa argumentação. Uma análise de *Não vai acontecer aqui* e dos discursos do presidente Trump, nos possibilita discutir os fatores da cultura americana e seu imaginário coletivo que informem uma leitura do contexto político atual. As distopias se utilizam da extrapolação para fazer o leitor enxergar mais claramente seu presente, não cunhar uma visão determinista do futuro. O presidente do romance de Lewis,

como Trump, também se colocava como aquele que acabaria com os males da Depressão, que traria ordem e progresso. Podemos ver que muitas das questões problematizadas por Lewis nos anos 30 do século passado no que tange a cultura e sociedade estadunidense ainda hoje estão latentes e a distopia pode ser uma chave de interpretação para as circunstâncias atuais.

Palavras-Chave: Distopia. Utopia. Donald Trump. Cultura Americana.

Abstract: In 2016 the dispute between Democrat Hillary Clinton and Republican Donald Trump sparked heated debates, mutual accusations, and popular unrest, at a time when the consequences of the 2008 economic crisis, US wars abroad, and ethnic- racism within the American society. Trump won and became the 45th president of the United States. With a charismatic personality, simplistic speeches and nationalist discourse have made the former presenter of a reality show the leader of today's greatest hegemonic power. Trump's stance and proposals revived fears that the US might be moving toward an authoritarian, intolerant, and reactionary regime. Although Trump posited himself as a candidate that would make Great America again, by referring to an imprecise past and a rhetoric permeated by a utopian impulse, such thinking

seems more excluding than inclusive. There seems to be a tone of control, violence and suppression of diversity. This unfolding of events sounded similar to the plot of the popular dystopian novel *It Will not Happen Here*, by Sinclair Lewis, published in 1935, during the Great Depression period. In the play, the magnetic and demagogue Berzelius "Buzz" Windrip wins the election against Franklin Roosevelt. By assuming the presidency, it initiates a totalitarian government and we gradually realize the extent of the truculence and cruelty of the new regime. We aim to discuss the utopian thinking present in Donald Trump's rhetoric and the dystopian fears that succeeded his election, using the theoretical precepts of M. Keith Booker, Tom Moylan and Gregory Claeys. Dystopia and utopia are not only literary genres but also philosophical thought, for this reason these concepts are fundamental in this argument. An analysis of "Not going to happen here" and the speeches of President Trump enables us to discuss the factors of American culture and its collective imaginary that inform a reading of the current political context. Dystopias use extrapolation to make the reader see his present more clearly, not to coin a deterministic view of the future. The president of Lewis's novel, like Trump, also stood as the one who would put an end to the evils of the Depression, which would bring order and progress. We can see

that many of the issues discussed by Lewis in the 1930s in American culture and society are still latent and dystopia can be a key to interpretation in today's circumstances.

Keywords: **Dystopia.** Utopia. Donald Trump. American Culture.

1. Introdução

As eleições presidenciais dos Estados Unidos despertam interesse ao redor do mundo inteiro a cada quatro anos, visto que o poderio estadunidense afeta as circunstâncias político-econômicas vindouras e as relações globais. Em 2016 a disputa entre a democrata Hillary Clinton e o republicano Donald Trump gerou debates acirrados, acusações mútuas e inquietação popular. O país estava bastante dividido e o mundo, apreensivo. Apesar de Clinton, que teria sido a primeira mulher a presidir os EUA, parecer levar vantagem por sua experiência política e por contar com o apoio do popular ex-presidente Obama, Trump venceu em 29 estados, levando 290 colégios eleitorais. Embora

não tenha tido a maioria dos votos populares, o milionário do ramo imobiliário se tornou o 45º presidente dos Estados Unidos. Essa vitória foi uma surpresa para especialistas políticos e para comunidade internacional. Porém, uma análise mais ampla de uma onda populista conservadora que vem avançando, não só nos Estados Unidos como no Ocidente em geral, nos leva perceber que a vitória de um candidato (homem, branco, rico, heterossexual), que aos olhos dos seus eleitores defende valores americanos tradicionais, não era tão inesperada. Uma personalidade carismática, falas simplistas e discurso nacionalista tornaram o ex-apresentador de um *reality show* o homem mais poderoso dos EUA.

Os discursos e propostas de Trump reavivaram temores de que os EUA poderiam estar caminhando para um regime autoritário, intolerante e reacionário. Há quem argumente que outro momento histórico se compara, até certo ponto, ao

cenário da eleição de 2016: a ascensão dos nazifascismo na Europa na década de 1930. Esta também se fez sentir em outros cantos do mundo, inclusive na terra dos (supostos) grandes defensores da democracia e liberdade de expressão, os Estados Unidos. O temor de que essa ideologia se alastrasse das grandes cidades da Nova Inglaterra até a progressiva costa oeste inspirou o popular romance *Não vai acontecer aqui*, de Sinclair Lewis, publicado em 1935, uma obra sobre radicalização política e convulsão social (STEWART, 2016). Na trama, o carismático e demagogo Berzelius “Buzz” Windrip ganha a eleição contra Franklin Roosevelt. Ao assumir a presidência dá início a um governo totalitário, o qual vemos através dos olhos de Doremus Jessup, o editor de um jornal de uma cidade pequena, e que vai aos poucos percebendo a extensão da truculência e crueldade do novo regime, até participar de um grupo de resistência e ele mesmo ser

preso. As vendas desse romance dispararam em 2017, segundo dados da BBC¹⁰⁶, pois as semelhanças com Trump levaram alguns a dizer que o livro era uma previsão a respeito do magnata republicano chegando à Casa Branca (STEWART, 2016)¹⁰⁷.

Outro livro também teve uma nova onda de sucesso: *Complô contra a America*, do Phillip Roth, de 2004, em plena Era Bush. Com um enredo semelhante ao de Lewis, em que Roosevelt haveria perdido a eleição de 1940 para Charles Lindbergh, inspirado em um militar americano que antes dos EUA entrarem na Segunda Guerra Mundial fora acusado de ser simpatizante do nazifascismo. Nessa versão alternativa da história, assim teria início a perseguição aos judeus na América do Norte. Ambos se passam na mesma

época, se utilizam de pessoas reais em suas tramas e tem seus enredos centrados nas eleições de presidentes dos Estados Unidos autoritários e antissemitas. São ficções distópicas, que utilizaram personagens históricos e fenômenos do momento que retratam para tecer enredos que mais parecem pesadelos, embora tenham sido lançados em momentos distintos, propõe discussões semelhantes e retratam ansiedades não muito diferentes.

Entretanto, nos focaremos no romance de Lewis, acreditando que “a obra literária é capaz de produzir efeitos de análise acerca das mutações sociais e suas incidências sobre o campo da subjetividade, da política e da ética” (HILÁRIO, 2013, p. 202). Primeiramente, teceremos considerações crítico-teóricas sobre o gênero distopia, em seguida analisando o romance dentro dessa tradição e a partir do contexto contemporâneo e finalmente, discutindo o pensamento

106 Disponível em
<<http://www.bbc.com/news/magazine-38764041>>

107 Disponível em
<<https://www.theguardian.com/us-news/shortcuts/2016/oct/09/it-cant-happen-here-1935-novel-sinclair-lewis-predicted-rise-donald-trump>>

utópico presente na retórica de Donald Trump e aos medos distópicos que sucederam sua eleição.

Podemos situar *Não vai acontecer aqui* na tradição distópica, embora essa obra tenha sido escrita bem antes do romance mais influente e conhecido desse gênero, *1984*, de George Orwell, publicado em 1946, e de outras obras ficcionais anteriores que já se enquadravam no gênero. Mas o que são as distopias afinal? Quais suas características principais? E o que elas revelam sobre o contexto histórico em que foram escritas?

2. Literatura utópica e distópica

M. Keith Booker afirma que a literatura distópica constitui uma crítica às condições sociais e sistemas políticos existentes, seja por criticar as premissas utópicas sobre as quais tais condições e sistemas foram construídos “ou pela extensão imaginária dessas condições e sistemas em outros

contextos que mais claramente revelam suas falhas e contradições” (BOOKER, 1994, p. 3, tradução nossa). Distopias retratam sociedades frequentemente marcadas por autoritarismo, violência física e simbólica, perda das liberdades tanto individuais quanto coletivas e alienação do sujeito. Elas evocam o pesadelo em que o futuro pode se transformar ao maximizar circunstâncias reais do presente. Booker argumenta que ao localizar suas críticas em cenários imaginários distantes, as distopias oferecem novas perspectivas sobre problemas e práticas sociais que poderiam passar despercebidas ou serem consideradas inevitáveis (1994, p. 3-4). Elas também servem como *cautionary tales*, ou seja, um aviso, alertando aos leitores que se certas condições prevalecerem as consequências podem ser graves demais, um caminho sem volta para um horizonte obscuro.

As distopias funcionam ao se utilizarem do estranhamento

cognitivo, em processos de familiarização e desfamiliarização, que segundo Shklovsky, é a estratégia estilística que renova a percepção, tornando-a mais difícil e demorada (SHKLOVSKY apud VARSAM, 2003, p. 206). O leitor deve crer que aqueles acontecimentos são possíveis em um futuro mais ou menos distante, em um lugar que ao mesmo tempo é e não é reconhecido por ele. Além disso, é através do mecanismo de identificação que o leitor cria empatia com o protagonista, pois é o ponto de vista do/a personagem principal deve ser aceito como válido para descrição daquela sociedade e sua esperança de um presente ou futuro melhor que o/a distinguem e o/a colocam em conflito com a distopia estabelecida (VARSAM, 2003, p. 204).

A palavra distopia nasceu do seu oposto, *utopia*, embora nem todos os críticos concordem que utopia e distopia, como gêneros, sejam antíteses, como

Tom Moylan (2000) e Lyman Sargent (1994). Utopia é nome da ilha imaginária na obra homônima de Thomas More, publicado em 1516. Nela, um viajante descreve uma sociedade feliz que vive em plena igualdade e harmonia, porém sob regras rígidas, que inibem qualquer desvio. Analisando as raízes etimológicas das palavras utopia e distopia, podemos compreender melhor os gêneros literários que elas designam. Chris J. Young observa que a palavra *utopia* deriva das palavras gregas *ouk*, significando “não”, que More reduziu para *u*, combinada com *topos*, que quer dizer “lugar”, ao qual ele adicionou o sufixo *ia*, sendo assim, ele “criou a palavra para se referir a um lugar em particular. Logo *utopia* é um lugar que paradoxalmente é um não-lugar” (YOUNG, 2013, p. 10). A utopia é simultaneamente: “um *gênero literário* que consiste na narrativa sobre a sociedade perfeita e feliz e um *discurso político* que procura expor a

cidade justa” (HILÁRIO, 2013, p. 203). Para Zygmunt Bauman, o pensamento utópico necessitava da “confiança de que, sob a administração humana, o mundo poderia ser colocado numa forma mais adequada à satisfação das necessidades do homem” (2007, p. 103), ou seja é um pensamento centrado na capacidade humana de melhorar suas próprias condições de vida, independente das forças da Natureza ou intervenção divina.. A questão é: como fazer isso e a qual preço.

A América exerceu em suas origens uma função utópica para a imaginação européia do século XVI, porém, segundo Booker, mesmo nos primeiros relatos europeus sobre as Américas já havia certa ambivalência: “se as Américas eram um *lôcus* de potencial utópico sem precedentes, também eram o *lôcus* de perigos sem precedentes” (BOOKER, 2002, p. 11, tradução nossa). A identidade nacional dos EUA como o local de liberdade, justiça, igualdade e prosperidade

ainda persistem na auto-imagem do país; ao mesmo tempo, as marcas da escravidão, guerra e imperialismo tornam-na extremamente problemática (BOOKER, 2002, p. 12). E essa contradição é fundamental para entender os discursos políticos e a literatura distópica produzida por escritores americanos.

Tom Moylan argumenta que a narrativa distópica é um produto dos horrores do século XX: foram cem anos de exploração, repressão, violência estatal, guerra, genocídio, doenças, fome, ecocídio, dívida, e a degradação da humanidade através da compra e venda da vida cotidiana proveram um solo fértil para o oposto da imaginação utópica (MOYLAN, 2000, p.xi). Mormente porque o progresso prometido pelos avanços tecnológicos, científicos e industriais falharam em trazer melhorias substanciais à maior parte da população, porém, além disso, a sensação de insegurança física e social e medo são crescentes. Segundo Claeys a distopia é um fenômeno

moderno, fruto do pessimismo secular (2017, p. 4-5), pois foram os acontecimentos do século XX e suas consequências globais que a inspiraram.

Gregory Claeys identificou três tipos de distopias: as políticas, as ambientais e as tecnológicas (2017, p. 5). O primeiro tipo foi o que caracterizou o gênero em seus primórdios. Porém, todas as distopias refletem preocupações e ansiedades do contexto histórico em que o autor está inserido. Os fenômenos do século XX aumentaram seu escopo temático e também as circunstâncias históricas tenebrosas que servem de pano de fundo para narrativas distópicas.

Há quatro obras que podemos considerar como o núcleo canônico do gênero distópico: *We* do russo Yevgeny Zamyatin, 1984 do George Orwell, *Admirável mundo novo* do Aldous Huxley e *Fahrenheit 451* do Ray Bradbury. Em todas elas há governos totalitários que controlam todos os aspectos das

vidas dos cidadãos e as punições para qualquer transgressão ou desobediência são draconianas. Outro exemplo importante é o conto de E.M. Forester “The machine stops” de 1909, em que uma única máquina provê tudo para a humanidade, até que ela para. Mais recentemente, a literatura distópica voltada para jovens adultos tem sido profícua: incluindo a trilogia *Jogos Vorazes* (cujo primeiro livro foi publicado em 2008) e também *The maze runner* (2009) e *Divergente* (2011), livros que ganharam versões cinematográficas e se converteram em sucessos e referência na cultura pop. Na televisão temos os seriados *The walking dead* (2010), *Under the dome* (2013), *The 100* (2014) e a adaptação *The handmaid’s tale* (2017), do serviço de streaming Hulu. Até mesmo um desenho animado como *WALL-E* tem traços claramente distópicos. Nos quadrinhos essa temática também tem sido abordada constantemente desde os anos 80: *V de vingança* (1982-1983),

Watchmen (1986-1987), *Y: the last man*(2002-2008) e *Lazarus* (2013 -) são alguns exemplos. O sucesso do gênero talvez possa vir de uma necessidade coletiva de narrar os medos coletivos para que eles não se realizem.

Uma temática relevante nas narrativas distópicas é a tensão entre os desejos do indivíduo e as regras da sociedade, entre cidadão e Estado. Para Moylan, a habilidade crucial da distopia está em registrar os impactos ainda não reconhecidos dos sistemas sociais sobre o cotidiano das pessoas comuns e o enredo desenvolve a percepção do protagonista da situação como ela é, compreendendo a relação entre experiência individual e o funcionamento de todo aquele sistema (2000, p. xiii). Bauman aponta que no mundo moderno cada indivíduo é deixado só, enquanto a maioria é instrumento da promoção de terceiros (2017, p. 30) ou seja, a maior parte da população trabalha arduamente para o enriquecimento de uma pequena

elite, apesar dos discursos de cooperação e combate às injustiças e desigualdade dos Estados e esse contexto é solo fértil para as distopias. Se o Estado é o “modelo da unidade política, um princípio de organização racional” (MBEMBE, 2011, p. 38), sua racionalidade não tem sido bem-sucedida em combater a miséria e a intolerância; tem sido, ao contrário, um aliado em sua perpetuação, apesar dos instrumentos político-econômicos de combate a pobreza e mecanismos de participação popular.

Para Claeys tanto as utopias quanto as distopias apresentam grupos ideais e harmônicos, sendo que ambos compartilham um *ethos* coletivista: privilegiam conexões entre indivíduos e a unidade e interdependência que eles exibem, sendo a diferença principal entre elas o quão inclusiva ou exclusiva é essa troca de benefícios (2017, p. 8). O que caracteriza utopias e distopias é justamente a tensão

entre desejo e liberdades do indivíduo e necessidade e ansiedades coletivas. Nas narrativas utópicas as necessidades coletivas suplantam as individuais e isso é considerado positivo e desejável. Nas distopias ocorre o oposto. As distopias políticas especialmente problematizam essa tensão. Entretanto, há outra característica que permeia todas as distopias: os medos são coletivizados. Seja o medo do grupo em que se está inserido, seja o medo do Outro, do Estado, ou um medo dos fenômenos modernos. Segundo Claeys:

Os medos coletivos, assim como o ódio são normalmente expressados, vivenciados e definidos pelos grupos. Esses raramente são uma mera assembléia de indivíduos. Eles normalmente possuem uma vida, uma identidade, uma existência orgânica e até espiritual própria. Eles também têm uma psicologia própria. Seus egos precisam ser massageados ¹⁰⁸(CLAEYS, 2017, p. 18, tradução nossa)

108 Collective fears like hatred are usually expressed, experienced, and defined by groups. These are rarely mere assemblages of individuals. They usually have a life, an identity, an organic and even a spiritual existence of their own. They also have their own psychology.

Para Bauman, o medo é um traço importante da experiência dos tempos atuais. Não coincidentemente houve a proliferação de ficção distópica desde os anos 30 do século XX e ainda mais diversificada no século XXI. Ele afirma que a:

Insegurança do presente e a incerteza do futuro que produzem e alimentam o medo mais apavorante e menos tolerável. Essa insegurança e essa incerteza, por sua vez, nascem de um sentimento de impotência: parecemos não estar mais no controle, seja individual, separada ou coletivamente (BAUMAN, 2007, p. 32)

Esse medo estava presente nas promessas de campanha do presidente Trump como uma tentativa de atenuá-lo ao garantir lei e ordem, mas simultaneamente o reafirmando de forma constante. Ele prometeu derrotar o ISIS (também conhecido como Estado Islâmico), a quem chama de bárbaros, nos primeiros 100 dias de governo; aumentar o orçamento pra segurança

Their egos need massaging.

nacional; garantir leis mais rígidas contra a criminalidade e ainda impedir toda e qualquer imigração de pessoas vindas de países que tivessem sido comprometidas pelo terrorismo. A questão do porte de armas também é um tema sensível nesse caso. Trump teve o apoio da National Rifle Association (NRA), defendendo o direito dos americanos a portarem armas para “defender suas famílias” como disse ao aceitar sua indicação como candidato na Convenção Republicana em julho de 2016¹⁰⁹. A retórica de Trump promete acabar com a raiz dos medos dos americanos, mas acaba alimentando-os.

É interessante que o lema de Donald Trump seja “Make American great again!” (Fazer a América grandiosa de novo) remetendo a um passado puro e idílico em que os Estados Unidos eram uma nação próspera, poderosa e unida. Uma ideia que reflete um pensamento utópico, ou pelo menos nostálgico. Para

Sargent o pensamento utópico é aquele em que grupos de pessoas sonham com sociedades radicalmente diferentes daquela em que estão vivendo (1994, p. 3). Mas a utopia de Trump não é uma que almeje um mundo melhor para todos, e sim uma utopia dentro de limites espaciais. Em seu discurso na Convenção Nacional Republicana, Trump disse “Nosso plano irá colocar a América em primeiro lugar. Americanismo e não o globalismo será o nosso credo” (TRUMP, 2016). As sociedades distópicas nascem frequentemente de um desejo de homogeneização e ordem, e como nos romances utópicos, isso é atingido à custa da individualidade e da diversidade (CLAEYS, 2017, p. 7) e parece ser esse o temor dos críticos do presidente Trump. A busca por uma utopia em sua retórica não quer dizer utopia para todos os habitantes do planeta, nem acarretará necessariamente uma transformação radical do funcionamento da sociedade, ela

109 Disponível em
<<https://www.youtube.com/watch?v=4CVTuOyZDI0>>

pode ser a de um grupo em detrimento dos outros: uma utopia que exclui. Bauman afirma que no discurso utópico da pós-modernidade:

(...) a imagem do "progresso" parece ter saído do discurso do *aperfeiçoamento compartilhado* para o da *sobrevivência individual*. O progresso não é mais imaginado no contexto de um impulso para uma arrancada à frente, mas em conexão com um esforço desesperado para permanecer na corrida. A consciência do progresso torna a pessoa cautelosa e demanda vigilância: ao ouvirmos falar da "marcha do tempo", tendemos a nos preocupar em sermos deixados para trás, em cairmos de um veículo em rápida aceleração. (BAUMAN, 2017, p. 108)

Mas não houve uma virada cultural na sociedade americana que engendrou esta ideologia de forma repentina. Os antecedentes históricos fomentam-na e a literatura a reflete. Após a guerra de independência dos Estados Unidos é que sua literatura nacional toma forma, refletindo seus valores e ansiedades. Porém Booker em seu estudo sobre o impulso utópico na

literatura americana dos anos 50 salienta que embora os EUA não fossem a única nação nascida de brutalidade, exploração e assassinato, era uma nação que tinha dificuldade em aceitar esse fato, “dado que supostamente representava um novo começo, uma devoção teórica à liberdade e justiça para todos. E um longo legado de discurso utópico sobre a América só tornava a situação mais difícil” (2002, p. 12). Desde então os Estados Unidos se envolveram direta e indiretamente em diversos conflitos. A Guerra Fria com seu conflito ideológico e ameaça nuclear. As guerras do Kuwait, do Iraque e Afeganistão de maneira direta. Internamente, teve que lidar com tensões raciais que ainda permanecem. Teve o trauma do assassinato em público de um Presidente e de um dos líderes do movimento pelos Direitos Civis, Martin Luther King. Em 2001, após o atentado terrorista nas Torres Gêmeas, o temor de outro ataque em igual escala permeia

a política de segurança nacional, não só dos EUA mas de outros países do desenvolvidos do Ocidente, o que também gera xenofobia, discriminação contra imigrantes e racismo. Além disso, o poder das corporações que através do lobby influencia o legislativo estadunidense e a persistência da desigualdade econômica no país mais rico do mundo, mesmo após a recuperação da crise de 2008, nos ajudam a compreender o contexto da eleição de Donald Trump. Esses fatores estão presentes em diversas distopias de escritores americanos em que as forças internas e externas geram os conflitos que fazem do sonho americano um pesadelo.

3. O contexto histórico por trás de *Não vai acontecer aqui*

Os anos 30 são caracterizados pela Depressão após a Queda da Bolsa de Nova York em 1929, um evento que afetou o mundo inteiro, tendo consequências políticas, econômicas e ideológicas que se fizeram sentir nos anos seguintes. Desemprego e

pobreza marcam o período. E, de acordo com Booker, um ressurgimento do pensamento utópico americano permeava a ficção:

Com a revolução capitalista do consumidor temporariamente descarrilada pela Depressão, tornou-se mais fácil visualizar alternativas à ideologia anti-utópica do consumismo. Muito desse novo utopianismo, claro, era puro escapismo do cinema Hollywoodiano, no qual todos os problemas eram facilmente resolvidos e todos viviam felizes para sempre (BOOKER, 2002, p. 26, tradução nossa)¹¹⁰

Diferente dessa tendência esperançosa que alimenta esse retorno do utopianismo durante esse momento de Depressão, *Não vai acontecer aqui* tem uma visão pessimista, e vê na sociedade e cultura americana as sementes para a instauração de um governo autoritário, violento, irracional, intolerante e que demandaria cidadãos

110 No original: "With the consumer capitalist revolution temporarily derailed by the Depression, it became much easier to envision alternatives to the radically anti-utopian ideology of consumerism. Much of this new utopianism, of course, was the pure escapism of Hollywood cinema, in which all problems were easily solved and everyone lived happily ever after."

completamente subservientes. Embora o que romance “previu” não tenha acontecido nos Estados Unidos, aconteceu em outros lugares pouco depois. Exemplifica o que Maria Varsam denomina de distopia concreta, ou seja:

(A) ficção em que o leitor pode ver que elementos da realidade o escritor considera suficientemente significativos para extrapolar com o objetivo de alertar o leitor do futuro a respeito de seus desenrolamentos potencialmente catastróficos (VARSAM, 2003, p. 209, tradução nossa)

Para Varsam a relação entre as distopias concretas e a realidade é dialética na medida em que os eventos históricos provocam expressão artística que pode, por sua vez, provocar mudanças históricas (2003, p. 210).

A ironia do título *Não vai acontecer aqui* é uma crítica não unicamente ao fascismo, mas ao conformismo e a passividade de intelectuais e segmentos sociais. Na ficção como no “mundo real” o medo e o descontentamento político podem levar a

complacência ao invés da indignação ou revolta. Vemos isso acontecer com vários personagens da obra de Lewis. A própria ironia do título reflete essa postura de incredulidade apesar das circunstâncias, que mais e mais claramente desmente tal afirmação. A resistência só se organiza quando a situação já escalou para níveis sem precedentes, em que além da dissolução do Congresso, do estabelecimento da Lei Marcial, e da formação de uma instituição paramilitar, os Minute Men, há campos de concentração para os que se opõe ao regime.

Iremos analisar alguns aspectos da retórica de Windrip, um senador democrata de Illinois, à luz de uma perspectiva contemporânea. “Os quinze pontos da vitória para os esquecidos” são as promessas de campanha de Buzz Windrip e possuem algumas semelhanças com o que vemos nas promessas feitas por Trump ao aceitar a nomeação para ser o candidato na Convenção Nacional do

Partido Republicano realizada em Cleveland em 21 de julho de 2016.

Em um dos pontos, Windrip alega que o armamento e tamanho do efetivo militar e naval dos Estados Unidos serão constantemente ampliados, embora alegue que o país não tem desejo nenhum de aventurar-se em conquistas estrangeiras e acrescenta que emitirá uma proclamação garantindo que essas Forças Armadas serão mantidas somente para manter a paz e as relações amistosas no mundo (LEWIS, 2017, posição 1118), embora em outro momento, quando abole os estados e institui as províncias, ele autoriza uma delas a “reclamar todas as partes do México que os Estados Unidos pudessem de tempos em tempos julgar necessário controlar” (posição 2567). Já Trump afirmou que reconstruiria completamente as forças militares estadunidenses e recentemente assinou uma lei de orçamento militar de 700 bilhões, o maior do mundo

(SUPERVILLE, 2017)¹¹¹, afirmando que “América está muito menos segura e o mundo muito menos estável” (TRUMP, 2016). Entretanto, devemos lembrar que quando Lewis escreveu sobre Windrip, os Estados Unidos ainda não haviam se consolidado como maior potência industrial-militar do mundo, ainda não havia ameaça nuclear nem terrorismo transnacional, sendo assim, um discurso de militarismo forte e que privilegie a segurança nacional hoje é muito mais provável de angariar apoio político e votos.

Misoginia e racismo também estão presentes nos discursos e posturas de ambos. O ponto de número 10 de Windrip proíbe negros de votar, de assumir cargo público e de exercer funções como medicina e engenharia (LEWIS, 2017, posição 1123). E em um trecho de sua autobiografia, ele diz

111 Disponível em
<https://www.washingtonpost.com/world/national-security/trump-signs-700-billion-military-budget-into-law/2017/12/12/832c9bf2-df62-11e7-b2e9-8c636f076c76_story.html?utm_term=.57eaa06e641f>

“somos todos irmãos, unidos no grande e maravilhoso laço da Unidade Nacional” independente de quaisquer fatores embora, “isso não se aplique a pessoas que sejam *racialmente* diferentes de nós” (posição 1219, ênfase do autor) Embora Trump não tenha atacado os negros tão direta e violentamente, embora tenha criticado o *Black Lives Matter*, movimento que posiciona-se contra violência policial sofrida pelos afroamericanos, alegando que semeavam a discórdia e dividiam o país, a ausência de negros entre suas escolhas para secretários e para Suprema Corte e na sua equipe não passam despercebidos. E foi justamente com os eleitores afroamericanos que Trump teve o menor número de votos. No discurso supracitado ele acusou o ex-presidente Barack Obama, dizendo que “A retórica perigosa do nosso presidente, que tem usado o púlpito da presidência para nos dividir por raça e cor fez da América um ambiente mais perigoso do que jamais eu vi” (TRUMP, 2016). Trata-se de

uma afirmação no mínimo suspeita, considerando todo movimento pelos Direitos Civis em um país onde até a década de 1960 havia banheiros separados para afro descendentes. Além disso, em outro ponto Windrip garante a liberdade religiosa dos judeus, contanto que eles prometam ser fidelidade a Bíblia e aos EUA. No entanto, ao longo do romance o antissemitismo do regime se torna cada vez mais patente e violento, com prisões, desaparecimentos e mortes de inúmeros judeus. Porém, a administração Trump mostrou sua intolerância contra muçulmanos, ao tentar banir a entrada em território americano de pessoas provenientes de diversos países de maioria islâmica através de uma ordem executiva. Ademais, seu tratamento dos imigrantes mexicanos se mostra bastante xenófobo, e ainda durante a campanha presidencial, Trump propôs a construção de um Muro na fronteira com o México, o qual os mexicanos custeariam,

para “impedir a imigração ilegal, impedir que as gangues e a violência e impedir que as drogas entrem em nossas comunidades” (TRUMP, 2016).

Em outro ponto, Windrip esboça como as mulheres serão expulsas de quaisquer empregos que não sejam considerados “femininos” o bastante, para voltarem a cuidar do lar (posição 1139). Quanto a sua própria esposa, sabemos que Windrip a despreza, pois “não a via com maior frequência do que uma vez por semana, e de todo o modo o que aquela bruxa caipira pensava não tinha importância” (posição 6019). Trump não conta com muitas mulheres para cargos de confiança, com exceção da sua filha que tem um cargo de Conselheira e sua secretária de imprensa, Sara Sanders (segunda pessoa a ocupar o cargo desde a posse), e Nikki Haley como Embaixadora dos EUA nas Nações Unidas e a secretária de Educação, Betsy DeVos. Os comportamentos sexistas de Trump com sua oponente nas eleições, incluindo

o debate em que a interrompeu diversas vezes disse que ela não tinha a força nem a aparência para o cargo¹¹², e o número significativo de mulheres que o acusam de assédio sexual mostram um machismo que ele disfarça muito mal. A visita à Casa Branca da Primeira Ministra da Alemanha, Angela Merkel, em março de 2017 foi um momento emblemático, em que Trump recusou-se a apertar a mão dela após a coletiva de imprensa.

Devemos aqui chamar atenção para o fato que as propostas de Windrip são muito mais radicais e duras do que as de Donald Trump hoje. É um atributo das distopias exagerar fatos nos enredos exatamente para chamar atenção do leitor, despertando indignação, repulsa e até incredulidade, mas para que este possa ter um novo olhar sobre as condições e questões do seu presente.

112 Disponível em
<<http://www.telegraph.co.uk/women/politics/donald-trump-sexism-tracker-every-offensive-comment-in-one-place/>>

Os pontos fundamentalmente diferentes se referem à maior centralização e estatização de diversos setores da economia e indústria defendida por Windrip (posição 1091), além de defender a proposta de instituir uma renda máxima anual por pessoa (posição 1107), o que parece inimaginável nos EUA de hoje, menos ainda vindo de um bilionário republicano como Trump, que segundo a revista *Forbes* tem uma fortuna estimada em 3,1 bilhões de dólares. A preocupação de Windrip em combater a pobreza – que ele eventualmente só consegue agravar – era característica do período recessivo. Donald Trump também tem essa preocupação, e frisou o combate ao desemprego em sua campanha. Porém, ele culpa a regulamentação excessiva, que ele alegou ser prioridade do seu governo reduzir¹¹³; a ida das

indústrias para o exterior, demitindo trabalhadores americanos, e a presença de imigrantes ilegais pelo desemprego no país. Nisso, eles também têm algo em comum: Buzz afirmou que não descansaria enquanto “este país não produzir tudo do que necessitamos” (posição 1575), ou seja, desejam uma indústria nacional forte. Trump prometeu acabar com as restrições à produção de energia, referindo-se ao uso do carvão e outros combustíveis fósseis. Uma de suas promessas mais populares e controversas, que após um ano de governo ainda não se concretizou era a construção do Muro na fronteira com o México. Trump prometeu que faria os Estados Unidos ricos novamente, similar a promessas de Buzz Windrip.

Podemos verificar as semelhanças na retórica de ambos comparando trechos extraídos da autobiografia de

113Segundo um discurso dado pelo presidente Trump na Casa Branca no dia 14 de dezembro de 2017 em que alegou que no ano anterior vinte e duas vezes mais regulamentações

havam sido eliminada que acrescidas.
Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?time_continue=695&v=f5PXs8M3Z9c

Windrip com trechos dos discursos de Trump. Windrip, por exemplo, diz que “Não tento me passar por homem cultivado, a não ser porque cultivei minha boa índole” (posição 1078), uma postura bastante similar à de Donald Trump, que apesar de ser de família abastada, se diz um homem direto e que fala de maneira simples e foi bem-sucedido com os eleitores brancos sem educação superior. Ele também rejeita o intelectualismo e em uma entrevista ele disse “não gosto de relatório de 200 páginas que poderiam caber em uma página”¹¹⁴ se colocando como a antítese do ex-presidente, Barack Obama.

Ambos também atacam a imprensa. Trump disse: “Vou apresentar os fatos de maneira simples e honesta. Não podemos mais nos dar ao luxo de ser politicamente corretos” (2016). Implicitamente, nessa fala, ele alimenta uma desconfiança que

seus eleitores têm da imprensa, a quem ele constantemente ataca, tanto nas entrevistas e coletivas, quanto em sua conta pessoal na rede social *Twitter*. Ele popularizou o termo “*fake news*” (notícias falsas) para se referir aos grandes jornais e canais de televisão que o criticam. Em sua autobiografia, Windrip escreve:

Conheço a imprensa bem demais. Quase todos os editores se escondem em covis cheios de teias de aranha, homens sem consideração pela Família, pelo Interesse Público ou pelos modestos prazeres das caminhadas ao ar livre, tramando um modo de nos fazer engolir suas mentiras, promover seus interesses e encher seus bolsos gananciosos [...] (posição 619)

Não é nenhuma coincidência que o protagonista do romance seja um jornalista e que este se torne um inimigo do novo regime ao criticá-lo.

Trump também tenta ganhar os eleitores com diversas estratégias como através da repetição constantemente a frase “Acreditem em mim” e enfatiza

114 Disponível em
<https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/01/19/the-aggressive-anti-intellectualism-of-donald-trump/?utm_term=.fc358a5997d4>

“Nós vamos honrar os cidadãos americanos com a verdade e nada mais” (TRUMP, 2016), essa utilização de valores positivos abstratos realça sua capacidade de gerar uma empatia que talvez um político com mais experiência não conseguiria. Vale ressaltar que quando é acusado de ser racista ou machista ele se defende com hipérboles: “a pessoa menos racista”, uma colocação que ele teria feito pelo menos seis vezes (SCOTT, 2018), uma insistência que só serve para confirmar as acusações..

Outro aspecto que merece atenção na ficção e no presente é a mentalidade das multidões e seu papel em apoiar regimes autoritários. E tanto Windrip como Trump tiveram apoio de grupos reacionários. Em *The Crowd: a study of the popular mind* (1896), um estudo sobre a mentalidade das multidões, Gustave Le Bon afirma que a Revolução Francesa teria sido um marco inaugural da “era das multidões” moderna. Ele argumenta que os indivíduos

podem ser racionais e civilizados, porém a multidão é atávica e primitiva, sempre inconscientes, seu poder sempre destrutivo, enfraquecendo o veredicto dos julgamentos individuais, e que o humor da multidão é o êxtase. (LE BON apud CLAEYS, 2017, 19-20). Essa mentalidade coletiva parece ser o que está presente nos Minute Men que formavam inicialmente uma banda marcial de Windrip, mas após sua eleição, são elevados a “tropas auxiliares não remuneradas, mas oficiais, subordinadas apenas os seus próprios oficiais” (posição 2373). Inicialmente cometendo atos esporádicos de violência, tornaram-se os guardas sangüinários dos campos de concentração eventualmente instalados nos EUA para onde eram mandados os inimigos políticos do regime. Trump recebeu apoio da Ku Klux Klan ainda quando candidato e após assumir a Casa Branca um protesto denominado Unite the Right ocorreu em Charlottesville (Virginia) com a participação de

supremacistas brancos e neonazistas. Uma mulher que participava de uma manifestação contra o Unite the right morreu. A reação de Trump não foi considerada forte o bastante, pois não condenou os posicionamentos racistas dos manifestantes. Le Bon também sugeriu que os líderes que surgiram nesses contextos tendiam a ser sujeitos nervosos, excitáveis e quase enlouquecidos (LE BON apud CLAEYS, 2017, p. 21). Uma descrição que os opositores do fictício Windrip e de Trump certamente utilizariam para descrevê-los.

4. Conclusão

Para Hilário a possibilidade de pensar criticamente acerca da nossa *barbárie comum* é aberta pelas distopias, já que a barbárie é um modo de regressão histórica que é preciso anular com reações da ordem da ética, da política e da estética e sendo assim as distopias “ocupam lugar de destaque na luta pela *desbarbarização dos laços*

sociais na atualidade” (2013, p. 213). Uma análise de *Não vai acontecer aqui* nos possibilita discutir os fatores da cultura americana e seu imaginário coletivo que informem uma leitura do contexto atual. É pela extrapolação que podemos enxergar mais claramente. No entanto como Moylan afirma, a verdade da distopia está em sua capacidade de ver as raízes dos males políticos e ecológicos como sistêmicos, rejeitando a idéia de um fator único, causador daquela sociedade e é justamente pela sua força totalizante que pode permitir que leitores possam enxergar por dentro e além das duras condições em que se encontram (2000, p. xii).

Embora Trump tenha se colocado como candidato que tornaria a América Grande novamente, remetendo-se a um passado não muito preciso e permeado por um impulso utópico, tal pensamento parece mais excludente que inclusivo, além de um tom de controle, violência e supressão da

diversidade. O presidente do romance de Lewis, Buzz Windrip também se colocava como aquele que acabaria com os males da Depressão, que traria ordem e progresso. No romance, o narrador diz que os apoiadores de Windrip, apesar do seu charlatanismo, “uma força vital e livre que prometia rejuvenescer o sistema capitalista aleijado e senil” (posição 1372). Na ficção distópica é a extrapolação que chama atenção para as fissuras nas circunstâncias reais, embora os contextos históricos sejam bastante diversas, podemos ver que muitas das questões problematizadas por Lewis nos anos 30 do século passado no que tange a cultura estadunidense ainda hoje estão latentes. O racismo, misoginia, militarismo, nacionalismo exacerbado e intolerância que vemos no romance ainda podem ser subentendidos nos discursos e práticas políticas atuais. Mas se na leitura da ficção há uma suspensão temporária da descrença para mergulharmos no mundo do “e se...?”, na

leitura do mundo podemos também suspender temporariamente (ou talvez permanentemente) a apatia, a indiferença, a ignorância e a conivência para que a distopia não aconteça, nunca, em lugar nenhum.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. (Tradução: Carlos Alberto Medeiros) Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOOKER, M. Keith. **Dystopian Literature: A theory and research guide**. Westpoint: Greenwood Press. 1994.

_____, M. Keith. **The post-utopian imagination: American culture in the long 1950s**. Westpoint: Greenwood Press. 2002

CLAEYS, Gregory. **Dystopia: A Natural History – A Study of Modern Despotism, Its Antecedents, and Its Literary Diffractions**. Oxford: Oxford UP, 2017

COHEN, Cleire. **‘Donald Trump’s sexist tracker: all offensive comments in one place’**. The telegraph. Julho de 2017. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/women/politics/donald-trump-sexism-tracker-every-offensive-comment-in-one-place/>. Acessado em: 26/12/2017

FULL SPEECH: **Donald Trump - Republican National Convention - THE NEXT PRESIDENT OF THE USA?**. Discurso. ABC15 Arizona. 1:16:46. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4CVTuOyZDI0> . Acesso em dezembro de 2017

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v.18, n.2, p. 201-215, 2013.

LEWIS, Sinclair. **Não vai acontecer aqui**. Tradução: Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Alfaguara. 2017

MBEMBE, Achille. "Necropolítica" Em: **Necropolítica seguido de Sobre el gobierno privado indirecto**. Tradução e edição de Elisabeth Falomir Archambault. Madri: editora Melusina. 2011, p. 17-76

MOYLAN, Tom **Scraps of the Untainted Sky: Science Fiction, Utopia, Dystopia**. Boulder, Colorado: Westview Press, 2000.

SARGENT, Lyman Tower. "The three faces of utopianism revisited". Em: **Utopian Studies** vol. 5, no. 1. Philadelphia: Penn State University Press. 1994. pp. 1-37

SCOTT, Eugene. "Six times president Trump says he is the least racist person". **The Washington Post**. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2018/01/17/six-times-president-trump-said-he-is-the-least-racist-person/?utm_term=.e8a353a4dd16. Acessado em 20 de fevereiro de 2018.

STEWART, Jules. **"The 1935 novel that predicted the rise of Donald Trump"**. Publicado em 9 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/shortcuts/2016/oct/09/it-cant-happen-here-1935-novel-sinclair-lewis-predicted-rise-donald-trump>

VARSAM, Maria. "Concrete Dystopia: Slavery and Its Others". In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (orgs.). **Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination**. Nova York; Londres: Routledge, 2003.

WHEELER, Brian. "Trump era's top selling dystopian novels". BBC News. 29 de janeiro de 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/magazine-38764041>. Acessado em 26/12/2017

YOUNG, Chris. **From nowhere: utopian and dystopian visions of past, present and future**. Toronto: University of Toronto. 2013